

# HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO COM HANS-GEORG GADAMER

José Pedro Boufleuer<sup>1</sup>

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.18245>

Quando visitamos um lugar e ficamos muito bem impressionados, ou quando temos uma experiência que consideramos ter sido importante para nós, costumamos contar isso a outros, sugerindo que, se possível, também visitem esse lugar ou façam também a experiência que tivemos. Aqui não queremos falar de um lugar que visitamos, mas de um livro que nos chegou às mãos e cuja experiência de leitura gostaríamos de compartilhar, sugerindo, por óbvio, que muitos outros venham a fazê-la. Assim, mais do que dizer do que trata o livro, o que no todo seria tarefa impossível, ou apresentar todos os seus qualificados ensaios, queremos falar da importância de vir a ter um exemplar desta obra na biblioteca particular da casa, especialmente em se tratando de alguém que se ocupa com educação, com a formação humana ou, simplesmente, de alguém que queira pensar sobre sua condição de “homem singularizado entre os homens”, para nos valermos de uma expressão de Mario Osorio Marques (1995, p. 10).

Ser singular não significa considerar-se uma “ilha isolada”, coisa que sabemos há muito que ninguém é. Tampouco significa tomar a si como parte indiferenciada de um

---

<sup>1</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências. Ijuí/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3926-5164>

vasto “continente” humano. Inserir-se na genericidade humana, sem abrir mão da singularização, constitui a tarefa, senão o contínuo desafio, da educação e da formação humana em geral. E é aí que assume relevância a hermenêutica, já não como um modo de controle de efeitos práticos, na forma de objetivos previamente estabelecidos, mas como um modo de proceder sempre aberto a novas possibilidades, ou a resultados nem sempre previsíveis. No caso da educação, se os efeitos práticos a serem alcançados já se encontram todos previstos, a singularidade desaparece. E se os elementos que constituem a genericidade humana, leia-se, do humano como ser histórico e cultural, não comparecem ou não se articulam com o sujeito, não ocorre o que podemos entender como sendo educação.

O modo de proceder hermenêutico reconhece a fundamental importância das tradições que nos conduziram ao tempo presente, o que não significa tomá-las como estrita medida para as questões que hoje a nós se colocam. Tradições, por isso, não são dogmas a serem seguidos, mas nos trazem elementos que ajudam a compreender o que somos ou o que a nós se põe como desafio. Em relação a elas já sempre nos encontramos em dívida, cujo resgate só pode se dar pela sua apropriação crítica, ou seja, a partir de sua releitura numa perspectiva que nos é própria, própria de nossa percepção num novo tempo e diante de desafios também novos.

A hermenêutica sempre nos lembra o vínculo que temos com as gerações que nos precederam, indicando a nossa relação parental com os demais humanos, os que nos legaram o que somos como humanidade. E não há como desfazer esse vínculo ou fazer de conta que ele não existe, sob pena de termos de retroceder à idade da pedra... De outra parte, humanos não se repetem tal e qual, uma vez que o próprio de nossa condição é a abertura para a novidade, ou para a contínua reinterpretação das questões que nos tocam. Isso nos coloca numa condição errática, pois não há uma orientação que pudesse afastar as incertezas e riscos que se nos apresentam. E na ausência de uma razão que nos fosse própria ou indicadora de um caminho isento de percalços, há apenas um modo razoável de ser: dividir a responsabilidade das escolhas com aqueles que estão conosco. Assim, se há algo como uma razão capaz de nos orientar, esta deve ser baseada na escuta, no diálogo, sempre no pressuposto de que “o outro pode ter razão”, como se lembra de forma

## HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO COM HANS-GEORG GADAMER

recorrente nos ensaios desta coletânea que aqui apresentamos, sempre na esteira de Gadamer.

A hermenêutica tem a ver, fundamentalmente, com a interpretação, ou com a nossa condição interpretante. E é essa possibilidade de interpretar que determina o modo humano de ser, já não de todo instintivo, mas baseado em compreensões que nos são possibilitadas em função do universo simbólico que fomos capazes de estabelecer. Ou seja, compreendemos sempre a partir do nosso horizonte cultural, social e subjetivo. Quanto mais alargado esse horizonte, mais ampliam-se as possibilidades de compreensão que acabam orientando decisões acerca do nosso modo de ser e de agir. Simples, assim, poderíamos dizer, se apresenta o espectro da formação humana: munir o sujeito com elementos simbólicos (da tradição humana) para que possa compreender de forma mais ampliada e vir a decidir com base em bons motivos ou em razões potencialmente melhores.

Pela educação, portanto, o sujeito se insere na genericidade humana, ao mesmo tempo em que se singulariza pela sua condição interpretante. A singularização é possível porque para nós humanos as coisas não apenas são, mas também significam, permitindo que cada qual se constitua de modo próprio pela forma como se apropria dos elementos simbólicos. Isso significa que o aprendizado humano não se dá por transferência de um para o outro, ou na forma de desenvolvimento de alguma inclinação genética. Na verdade, humanos aprendem compreendendo. E essa compreensão sempre se vincula a alguma forma de interpretação.

A coletânea inicia com uma introdução dos organizadores – Cláudio A. Dalbosco, Hans-Georg Flickinger, Marcelo J. Doro, Miguel da Silva Rossetto e Vanderlei Carbonara – que além de situar os diferentes ensaios constantes da publicação, com destaque para suas respectivas contribuições, indicam, nos parágrafos iniciais, o contexto teórico em que o debate se insere. Apontam, nesse sentido, para um novo momento paradigmático do pensamento filosófico, com desdobramentos também novos para o campo da formação humana. Consideram, por isso, a hermenêutica como “uma filosofia radical da prática [que...] acolhe como dado irrecusável a incontornável historicidade dos acontecimentos humanos, que se produzem e reproduzem em vista da interpretação que

## HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO COM HANS-GEORG GADAMER

a cada vez se produz deles” (p. 7). Configura-se, dessa forma, o que chamam de abandono das “posições metafísicas dogmáticas” a partir das quais se considerava possível estabelecer “verdades absolutas”.

A novidade dessa guinada no modo de filosofar tem a ver com a percepção da centralidade da linguagem na constituição do humano e de seu mundo. Hoje nos parece muito claro que a emergência do humano não se deu como desdobramento de alguma natureza que nos fosse própria, e, sim, como ruptura ou tensionamento em relação a ela pela instauração do simbólico, permitindo o estabelecimento de padrões de ação, de convivência e de comportamento tipicamente humanos, ou seja, já não de todo naturais. Por óbvio, a instauração do simbólico, por obliterar um modo de ser consoante a uma natureza, produz incertezas, abrindo a possibilidade de humanos se tornarem qualquer coisa, dadas as infinitas possibilidades que a eles se colocam.

Na perspectiva de encontrar alguma orientação ante uma existência incerta, ou de oferecer ao sujeito razões para o que viesse a fazer ou deixar de fazer, no decorrer da tradição filosófica incorreu-se, hoje entendemos, na tentação metafísica, à medida que tais razões foram buscadas num âmbito que transcende a historicidade constitutiva dos humanos. Dito de forma direta, para resolver as dificuldades de uma condição já não natural foi-se à busca de parâmetros referências assentadas numa pretensa “natureza das coisas”.

Assim, na longa tradição ontológica clássica era a objetividade do mundo, visto como dado em si, que indicava o uso correto da razão. Mais ou menos racional significava, por isso, mais ou menos em conformidade com uma “natureza” objetiva do mundo. De outra parte, a tradição da filosofia moderna da consciência pressupunha uma espécie de “natureza” própria do modo humano de conhecer pela posse de uma “faculdade da razão”. O grau de racionalidade se estabelecia, por isso, com base na adequação aos princípios lógicos do entendimento no âmbito de uma subjetividade autorreferente (Jung; Boufleuer, 2021, p. 147).

A recusa de uma ancoragem “de natureza” para oferecer algum balizador para o que se apresenta no âmbito dos humanos e de seu mundo é o que a hermenêutica como filosofia prática tem de mais característico. Por isso, a hermenêutica, para Gadamer, se

põe para “além de um método de interpretação de textos” (p. 7) que pudesse operar sem uma revisão dos pressupostos do próprio filosofar. Em sua perspectiva já não dá para filosofar sem adentrar nesse âmbito em que sujeitos se constituem e constituem mundo, ou seja, no âmbito das interações linguísticas em que esses se põem como intérpretes em busca de compreensões capazes de produzir identidades próprias, ao mesmo tempo em que estabelecem vínculos com os demais com vistas a um mundo humano comum. É nesse âmbito de uma prática histórica que a educação se realiza e pode vir a ser pensada com algum critério ou algum sentido de razoabilidade.

Por óbvio torna-se impossível neste espaço dizer do que tratam os diferentes ensaios que compõem a coletânea aqui apresentada. Não nos eximimos, porém, de apresentar um ou outro comentário acerca do que chama a atenção na obra, sem qualquer intenção de oferecer uma visão sistemática do seu conjunto.

Começamos com o ensaio de Jean Grondin, que abre a coletânea – “A experiência de Gadamer e a Teoria da Educação: aprendendo que o outro pode ter razão”. O texto, como todos os demais (doze no total), foi apresentado no III Colóquio Internacional sobre *Bildung*, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UPF, em novembro de 2024. Professor da Universidade de Montreal, no Canadá, Jean Grondin teve participação por videoconferência. Como um grande conhecedor da obra de Gadamer (conviveu com ele e foi também um de seus biógrafos), o autor começa falando do próprio processo de formação do filósofo para, num segundo momento, explicitar aspectos fundamentais de sua produção intelectual. Na ocasião em que a conferência foi proferida fomos bastante impactados e passamos a aguardar com grande expectativa a versão impressa daquela conferência. Permaneciam em nossa mente algumas afirmações que depois pudemos rever no texto escrito, como a de que a formação tem a ver com a “ampliação de horizontes”, com a incorporação de pontos de vista diferentes que permitem “elevar-se para além da própria particularidade e aprender a vê-la com alguma perspectiva” (p. 29), o que tem a ver com a abertura à alteridade, isto é, com a escuta efetiva do outro, não para contrapô-lo, mas para aprender com ele, postura própria de quem se dispõe ao diálogo. E há nesse texto uma passagem que nos parece fundamental para pensar os

## HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO COM HANS-GEORG GADAMER

processos de aprendizagem em tempos em que as mídias digitais e a própria inteligência artificial parecem dispensar o aprendente de um esforço em perspectiva própria.

Compreender não é apenas engolir, por assim dizer, um significado intelectual; é um “aprender” no qual nós também somos “aprendidos” pelo o que está em jogo. Isso só acontece se formos capazes de traduzir em nossas próprias palavras o que compreendemos. Só compreendemos, Gadamer argumenta, na medida em que buscamos e encontramos palavras para o que nos esforçamos para compreender” (p. 36).

Tem nessa passagem uma orientação fundamental para a avaliação de uma aprendizagem que se espera seja efetiva e formadora. Não há conhecimento que não seja incorporado em pessoas, ou que pudesse estar disponível para simples reprodução ou coleta em algum suporte externo. Saber é saber dizer, como já sempre temos entendido de alguma forma. E, para fechar o comentário acerca deste primeiro ensaio, cabe citar literalmente: “O caminho da razoabilidade não é pensar que se tem razão e tentar defender as próprias opiniões com argumentos inflexíveis; é reconhecer que o outro pode ter razão” (p. 40).

Operar com o pressuposto de que “o outro pode ter razão” talvez fosse a coisa mais transformadora, para não dizer mais revolucionária, que podemos fazer nos tempos atuais, marcados pelo “ter ou não ter razão”, como se esta fosse uma virtude que uns possuem e outros não. Debates acirrados, polêmicas sem fim e polarizações que dividem e cegam teriam nesse princípio uma nova regra de conduta, certamente com consequências menos dolorosas para a vida em comum. A afirmação da diferença talvez cedesse lugar à cumplicidade recíproca, ao entendimento compartilhado, ao reconhecimento do outro como parceiro na aventura humana, e já não como alguém a ser vencido, a ser dominado.

O segundo ensaio da coletânea é de Hans-Georg Flickinger, professor da Universidade de Kassel, na Alemanha, com longas passagens em instituições universitárias no Brasil, tendo se tornado um dos grandes interlocutores de pesquisadores brasileiros em torno da hermenêutica e do pensamento de Gadamer. “Compreensão dialógica e práxis formativa” é o título do texto que traz a sua contribuição ao debate que

o livro se propõe. Ao recuperar três escritos tardios de Gadamer acerca da experiência hermenêutica do diálogo, busca identificar o que é próprio de uma experiência formativa que resulta transformadora daqueles que dela participam. Para isso faz-se necessário, afirma Flickinger, disposição para efetivamente se entregar ao diálogo, deixando-se desafiar pelas questões postas pelo outro, ao mesmo tempo em que se busca tornar os próprios argumentos o mais possível compreensíveis. O autor segue indicando dificuldades que se apresentam para o estabelecimento deste diálogo vivo e transformador em contextos de formação com “uso intenso e desenfreado da tecnologia de informática” (p. 53-54), em que se “multiplica o risco de reduzir a comunicação a mera transmissão de fatos e informações” (p. 54). Com isso também, continua o autor, reduzem-se as chances de que haja um processo formativo em que os indivíduos são levados a desenvolver posição própria no confronto com posições adversas.

Se o uso de tecnologias de informação em contextos de formação constitui um tema atual e, em boa medida, controverso, o texto do Flickinger nos coloca diante de uma questão mais profunda, perguntando como é possível manter um ideal formativo que se orienta para a constituição de um sujeito autônomo, já não erigido solipsisticamente, mas que se constitui pela “capacidade de se dirigir ao outro, de abrir-se a argumentos novos e desconhecidos, e de trazer o outro para dentro do próprio pensamento que ele poderia contestar e corrigir” (p. 55). Ou seja, trata-se de um sujeito que, pela forma como se constitui, busca estabelecer vínculos e cumplicidades com os demais, possibilitando a convivência num mundo humano comum.

Sem poder aqui fazer indicações mais específicas sobre todos os ensaios constantes da coletânea, vale adiantar que o tema do diálogo é recorrente em quase todos eles, sempre considerado em seu potencial formativo à medida que permite a autorreflexão em face da escuta do outro. Mas o diálogo, como sugerem vários dos autores dos ensaios, está em risco ou apresenta dificuldades num contexto de mediações tecnológicas crescentes, não só no cotidiano das pessoas, mas, também, nas formas institucionalizados de educação em função das tendências que orientam sua concepção nos dias atuais, cada vez mais articuladas às demandas de um capitalismo de mercado.

Não querendo dar a entender que o livro trata centralmente dessa questão atual da onnipresença das tecnologias digitais na educação, ainda que o tema seja objeto de análise em vários dos ensaios, nunca se trata de uma rejeição pura e simples daquilo que os dispositivos tecnológicos possibilitam, mas de perceber ou de chamar a atenção para o que pode produzir enganos ou ilusões em relação ao que podemos entender por formação humana. Dentre esses enganos ou ilusões certamente está o de produzir-se uma percepção de que conhecimentos possam existir em si, em algum suporte tecnológico, isto é para além dos sujeitos, feito mercadorias disponíveis numa prateleira de loja. A essa noção, digamos assim, desencarnada de saberes, se articula a ideia, cada vez mais presente nos meios pedagógicos, de que existe uma técnica perfeita, um método preciso, capaz de operar esta passagem dos saberes para os estudantes, na perspectiva, também, de sua possível mensuração na forma de competências e habilidades previamente programadas.

Orientando-se pelos pressupostos da hermenêutica, os autores desta coletânea assumem compreensão convergente acerca da forma como humanos aprendem, se constituem e estabelecem vida comum. Ainda que assumindo desafios ou problemáticas específicas, os ensaios têm em comum a perspectiva hermenêutica como modo de leitura, de produção e de compartilhamento de sentidos, o que confere uma orientação confluyente no modo de pensar os processos de formação humana. Cientes de não termos feita a devida justiça à riqueza que se expressa nas contribuições que os renomados autores oferecem no âmbito desta coletânea, elencamos os títulos e seus respectivos autores não referidos diretamente nesta resenha, de modo que o leitor possa ter uma dimensão um pouco mais abrangente do que a obra oferece. Assim, para além dos textos dos textos de Jean Grondin e de Hans-Georg Flickinger, temos ainda os seguintes capítulos:

- Formação plural - por Dirk Stederth.
- Dimensões da *Bildung* gadameriana; Incapacidade para ouvir e diálogo profundo – Cláudio Almir Dalbosco.
- Abertura dialógica e potencial de alteridade (em torno da formação) – Nadja Hermann.
- Hermenêutica, educação e ecologia – Luiz Rhoden.
- Desde Gadamer: realidade sonora e compreensão – Raimundo Rajobac.

## HERMENÊUTICA E FORMAÇÃO: UM DIÁLOGO COM HANS-GEORG GADAMER

- Sobre a incapacidade para o diálogo e seus desdobramentos à experiência formativa: reflexões hermenêuticas em tempos de redes sociais digitais – Vanderlei Carbonara.
- O modesto (e, não obstante, importante) papel docente na autoformação – Marcelo J. Doro e Miguel S. Rossetto.
- O sentido hermenêutico-formativo da atenção e da escuta em Ricoeur e Gadamer – Angelo Vitório Cenci e Rejano Bregalda.
- Para além da inovação digital: uma abordagem hermenêutica na educação como bem público – Amarildo Luiz Trevisan e Catia Piccolo Viero Devechi.
- *Bildung* e as margens do saber: reflexões sobre formação, poder e silenciamento – Odair Neitzel.

Fica, por fim, a indicação da leitura desta coletânea para pensar a educação atual, seja no que tem de questões próprias do nosso tempo, seja no que tem de recorrente e duradouro como processo de formação humana. Certamente o legado da modernidade iluminista ainda nos anima a pensar uma educação que busca formar um sujeito capaz de “pensar com a própria cabeça”, isto é, capaz de fazer uso de seu entendimento, ao mesmo tempo em que apostamos num mundo em que a convivência seja eticamente justa, ou, pelo menos, que a violência que uns imputam aos outros seja a menor possível.

**REFERÊNCIAS:**

DALBOSCO, Cláudio Almir et al. (orgs.). *Hermenêutica e formação: um diálogo com Hans-Georg Gadamer*. Passo Fundo, RS: EDIUPF; Caxias do Sul: Educus, 2025.

JUNG, Tércio Inácio; BOUFLEUER, José Pedro. Universidade e ciência: uma leitura a partir da racionalidade comunicativa de Jürgen Habermas. *Revista Imagens da Educação*, v. 11, n. 4, p. 143-170, jan./mar. 2021. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v11i4.54545>

MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Editora Unijuí, 1995.

**Autor correspondente:**

José Pedro Boufleuer

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

Rua do Comércio, Nº 3000 – Bairro Universitário. CEP 98700-000. Ijuí/RS, Brasil

[jospbou@unijui.edu.br](mailto:jospbou@unijui.edu.br)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.



PRE-PROOF